

LÉXICO E IDENTIDADE REGIONAL NAS COMUNIDADES DA ANTIGA ROTA DOS TROPEIROS

Giselle Olívia Mantovani DAL CORNO¹

ABSTRACT: *This paper aims at presenting the research project called “Léxico Tropeiro”. The main objective of this project is to investigate language (in oral and written form) in Criúva, an administrative region of the city of Caxias do Sul, in order to find out whether or not it reveals the endurance of the lexicon and culture brought with muleteers since the late 1800’s, as they went through the zone of Italian colonization in the northeast of the state, coming from the high planes and reaching the far south of Brazil in their constant exchange of goods. Traces of such culture may be found in the vocabulary of daily chores, or in the specialized vocabulary related to tending animals; but it may also be used to reinforce cultural identity of the place, to value traditions or as a strategy of tourism marketing.*

KEY WORDS: *regional lexicon; cultural identity; muleteers; Criúva.*

1. Introdução

O léxico é um dos níveis de análise da gramática de uma língua, ao lado da morfologia e da sintaxe. Seu objeto de estudo principal são as *unidades lexicais*, geralmente (mas não exclusivamente) coincidentes com as *palavras*. Segundo Oliveira e Isquerdo (2001, p. 9), o léxico é o “saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”.

Na atualidade, são três as principais vertentes nos Estudos Lexicais no Brasil: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. A Lexicologia ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico, sendo exemplos de objeto de estudo o neologismo, o sistema onomástico, os vocabulários regionais, a variação diacrônica, entre outros. Já a Lexicografia, em sua vertente prática, costuma ser considerada uma aplicação da Lexicologia, pois se ocupa da compilação e da descrição do léxico geral da língua, resultando em dicionários da língua comum, monolíngues, bilíngues ou plurilíngues (utilizando o método semasiológico). Em sua vertente teórica, a Lexicografia se preocupa com a descrição dos métodos e problemas que apresenta a técnica de compor dicionários. A Terminologia, por sua vez, é a disciplina que se ocupa dos termos, ou seja, do léxico especializado das diferentes áreas do saber e do fazer humanos, apresentando também uma vertente prática, entendida como o conjunto de diretrizes ou princípios que regem a compilação de termos, pelo método onomasiológico.

Pode-se afirmar que o estudo do léxico de uma língua vai muito além do conhecimento de seu funcionamento, já que o léxico “representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas em uma sociedade” (OLIVEIRA e ISQUERDO, 2001, p. 9). Estudar e conhecer o léxico de uma determinada comunidade ou grupo social é, assim, quase como que radiografar o seu modo de

¹ Doutora em Letras – Estudos da Linguagem. Professora do Departamento de Letras e do Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

ser e pensar, pois “o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura.” (OLIVEIRA e IZQUERDO, 2001, p. 9).

Na Região de Colonização Italiana do nordeste do Rio Grande do Sul, vários estudos têm sido feitos, desde o centenário da Imigração Italiana (iniciada em 1875), para verificar as interinfluências entre os dialetos italianos falados pelos imigrantes que ali se estabeleceram e o português aqui falado. A *coiné* de predominância vêneta, chamada também, mais recentemente, de *talian*, sua carga emocional e a cultura que ela representa são temas de diversas publicações, muitas das quais focalizam o município de Caxias do Sul. Poucos estudos, porém, focalizam uma outra influência, talvez mais difusa e, por isso, menos perceptível: a influência do falar do tropeiro nas comunidades por onde passava, em seu constante ir e vir na intermediação de troca de mercadorias entre os imigrantes europeus e outros mercados, tanto dos Campos de Cima da Serra, cruzando o Rio das Antas rumo ao centro do país, como de Santo Antônio da Patrulha e Taquara e, posteriormente, São Leopoldo e o porto de São Sebastião do Caí.

Este trabalho apresenta o projeto Léxico e Identidade Regional nas Comunidades da Antiga Rota dos Tropeiros – LÉXICO TROPEIRO –, que tem como objetivo geral a realização de estudos do léxico utilizado, tanto na forma oral como escrita, em Criúva, distrito de Caxias do Sul. O projeto, em desenvolvimento, desde abril de 2010, junto ao programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, busca verificar a presença de elementos linguísticos que evidenciem a permanência de traços da cultura trazida pelos tropeiros em suas incursões na zona colonial italiana, vindos dos Campos de Cima da Serra, a partir do final do século XIX. Esses traços poderão estar localizados tanto no vocabulário dos afazeres diários como no léxico especializado das lidas campeiras e profissionais, bem como poderão ser usados com propósitos específicos de reforço de uma identidade cultural, quer por valorização de tradições, quer numa estratégia de marketing e divulgação turística. Procura-se também determinar em que medida se pode falar em uma identidade cultural regional.

2. Criúva e o tropeirismo

O tropeirismo no Rio Grande do Sul remonta ainda ao século XVII, e diversos são seus aspectos. O termo pode englobar tanto o tanger do gado das planícies litorâneas para engorda nas pastagens do planalto, quanto o transporte de gado, cavalos e mulas do Rio Grande do Sul à feira de Sorocaba, em São Paulo, através de diferentes rotas ao longo dos anos. Diversos autores e historiadores dividem o ciclo do tropeirismo em pelo menos três etapas (séculos XVII, XVIII e XIX), por sua vez subdivididas em outras etapas (cf., por exemplo, RUSCHEL, 2000; BARROSO, 2006). Também são diferentes as rotas estabelecidas em cada etapa, dependendo da finalidade principal da atividade tropeira da época, das condições de viagem e da localização dos postos de registro. Ao conjunto dessas rotas convencionou-se chamar Caminho das Tropas.

A primeira das etapas envolve o padre jesuíta Cristóvão de Mendoza e os índios Guaranis, quando gado trazido da Argentina foi distribuído entre as missões, aí procriando e multiplicando-se. Em seguida os índios recolhem esse gado espalhado na Vacaria do Mar para levá-los em direção à banda oriental do rio Uruguai. O tropeirismo no Brasil teria iniciado com a rota da Colônia de Sacramento, atual Uruguai, através das planícies litorâneas (por isso também conhecida como Caminho das Praias), subindo pelos campos de Cima da Serra, no Rio Grande do Sul, encontrando o gado contrabandeado vindo da Argentina pelos Sete Povos

das Missões, com passagem obrigatória pela Vacaria dos Pinhais. O segundo caminho é chamado Caminho dos Conventos, partindo de Araranguá (Santa Catarina) e chegando a Sorocaba. Em artigo no *Correio do Povo*, Mendes resume:

Os primeiros tropeiros em terra gaúcha seriam Pedro Romero e o padre Cristóvão de Mendoza. . . Um dos mais importantes caminhos abertos na Serra foi o trajeto histórico onde mulas criadas no Rio Grande eram conduzidas até a paulista Sorocaba ou ao Rio de Janeiro, para serem usadas em moinhos de cana-de-açúcar. Em 1729, o sargento-mor Francisco Souza e Faria alcançou o topo dos Campos de Cima da Serra, consolidando o chamado Caminho das Tropas. (MENDES, s.d.)

O terceiro caminho, chamado Caminho Real, e também Caminho de Cristóvão Pereira de Abreu (cf. VELHO *et al.*, 2008, p. 23-24), seguia o primeiro até a altura de Palmares, onde tomava o rumo de Viamão, chegando a São Francisco de Paula; a leste fazia a travessia do rio das Antas, percorrendo a Vacaria dos Pinhais (terras que hoje conformam o município de Bom Jesus) e dali, cruzando o rio Pelotas, retomava o caminho para Sorocaba. Um quarto caminho ainda entrava no Brasil através de São Borja, indo encontrar o Caminho Real na altura de Vacaria dos Pinhais. Nesse vai-e-vem, além das tropas, vinham os tropeiros, muitos de nacionalidade portuguesa, com uma boa parcela de negros africanos, tomados inicialmente como carregadores. Alguns acabavam ficando pelo caminho, estabelecendo família e criando raízes, ou simplesmente miscigenado-se e transmitindo o seu saber-fazer a outras gerações de tropeiros. Um exemplo disso nos é dado por Fortes (2001):

Manoel Pereira de Barros (. . .) é homem desse tempo. Tropeiro a princípio, fez a sua invernada junto à Lagoa que hoje tem seu nome, e aí se radica, talvez o primeiro povoador de Santo Antônio [da Patrulha], recebendo carta de sesmaria no ano de 1744. O nome de Manoel Pereira de Barros figura entre os 64 que aguardavam a desobstrução da estrada do planalto, ocupada pelos índios das Missões (. . .).

Antônio de Araújo Vilela ocupava também terras na adjacência do caminho. O seu nome está na relação de tropeiros e uma nova referência se encontra no recenseamento de 1784. (FORTES, 2001, p. 55).

Afirmam Velho *et al.* (2008, p. 11) que o “Estado do Rio Grande do Sul tornou-se brasileiro graças à ação dos tropeiros”, uma vez que eles “podem ser considerados os engenheiros das estradas, pois traçaram rotas, partes das quais são as vias asfálticas de hoje.” A importância dos tropeiros reside ainda na motivação por eles dada para a povoação inicial do Estado:

O perpassar das tropas de sul a norte tornou as terras da Província de São Pedro do Rio Grande conhecidas, principalmente em São Paulo e Laguna, levando os proprietários rurais e os militares a solicitarem sesmarias nas excelentes terras do Sul. Feitas doações pela Coroa Portuguesa, surgiram as fazendas e se iniciou o povoamento do atual Rio Grande do Sul. (VELHO *et al.*, 2008, p. 11)

O tropeirismo “doméstico”, ou tropeirismo gaúcho regional, intensifica-se “com a fundação das fazendas e conseqüente fixação do homem ao meio”, providenciando o “intercâmbio dos produtos necessários ao desenvolvimento e manutenção das fazendas e vilas que foram surgindo ao longo do Caminho das Tropas” (VELHO *et al.*, 2008, p. 25). Trata-se da atividade desenvolvida principalmente a partir do século XIX.

A atividade dos tropeiros prosseguiu no início do século XX, não mais para transporte de animais, mas para trocas de mercadorias, até que o progresso possibilita o comércio de bens transportados por trens e caminhões.

Essa breve retrospectiva histórica foi necessária para podermos estabelecer a relação entre os tropeiros e a localidade de Criúva. Já em meados do século XIX, os descendentes de portugueses que haviam se estabelecido na região de campo e pinhais na encosta superior do Planalto Meridional, vindos de Santo Antonio da Patrulha, começaram os primeiros contatos comerciais com os tropeiros. Estes, em seu caminho para a Vacaria dos Pinhais (pelo Caminho Real), escolhiam como local de descanso (“pouso”) as terras altas e tranquilas pertencentes inicialmente a João Alves (que recebera, do governo, título de propriedade de boa parte daquelas terras). Especialmente a partir do final do século, Criúva era passagem obrigatória para chegar à incipiente Caxias do Sul. Por ela passava a estrada em que os tropeiros imprimiram suas marcas. “O comércio da época era feito por tropeiros que se deslocavam até Santo Antônio e Taquara para fazer compras e garantir a subsistência dos moradores”, afirma Alves (1988, p. 202). A maior parte da população concentrava-se na localidade de Ilhéus (hoje parte de Criúva), e o progresso era impulsionado pelo comércio do queijo e do charque ali fabricados e comercializados pelos tropeiros na zona de colonização alemã. Em breve viria o contato com os colonos italianos.

Em uma viagem que os tropeiros fizeram para vender charque em São Leopoldo, encontraram alguns imigrantes italianos que queriam ir para a zona dos campos dos Bugres, parte já conhecida pelos tropeiros. Estes eram em número de três: ofereceram-se para transportá-los até a localidade. Carregaram, nos cargueiros, o que os imigrantes possuíam e tentaram fazer a jornada por outra rota, abrindo picadas a facão até chegar ao destino dos imigrantes. Ao chegarem mais ou menos no lugar marcado, encontraram muitas matas de pinhais e banhados. Procuraram clareiras e terrenos mais secos para fixação dos imigrantes. Os tropeiros ficaram dois dias junto, tentando explicar, distinguir ervas boas das nocivas, bem como se proteger de animais perigosos.” (ALVES, 1988, p. 203).

Vários autores, na descrição dos primeiros tempos da Colônia Caxias, registram sua presença, como Machado (2001), ou ainda Giron e Bergamaschi (2001). “Os consumidores das casas de negócio eram os colonos das linhas, os peões e os fazendeiros dos Campos de Cima da Serra. A população urbana dedicada aos serviços públicos e privados também era freguesa. Os tropeiros do planalto faziam uma longa jornada trazendo lã, peles, charque e queijos e trocavam por sal, açúcar, café e produtos industrializados, ficando na cidade por muitos dias.” (GIRON e BERGAMASCHI, 2001, p. 103).

No início do século XX, famílias de imigrantes italianos por ali se estabeleceram, com seus ofícios e habilidades, trazendo progresso à localidade e oferecendo serviços aos tropeiros (selaria, ferraria, hotel...). Devido à abundância no local da árvore homônima, a vila que nascia passou a se chamar Criúva. Alguns de seus primeiros habitantes fixos vieram com a finalidade de prestar serviços na construção da ponte de ferro sobre o rio das Antas – a Ponte dos Korff – que diminuiu as dificuldades de travessia e é até hoje um importante ponto turístico da região.

Inicialmente distrito de São Francisco de Paula (quando do desmembramento deste de Santo Antonio da Patrulha), Criúva sempre teve ligações com a cidade de São Marcos – já que parte de sua área atual pertenceu outrora a São Marcos, bem como por muitos anos a paróquia era uma só. Foi apenas na década de 1950 que o distrito foi anexado definitivamente a Caxias do Sul.

Toda essa história revela uma forte ligação de Criúva com o tropeirismo.

3. Os tropeiros e a identidade regional

A história aponta como elementos de identidade entre povos a indumentária, além da culinária. Embora, de acordo com o clima, a região e o poder aquisitivo, a indumentária do tropeiro variasse, há registros de que a indumentária do gaúcho passou a ser usada pelos tropeiros: “O traje do gaúcho aos poucos foi sendo assimilado pela grande maioria dos tropeiros, visto a bombacha ser mais confortável para a atividade de cavalgar; assim mesmo foi adaptada às necessidades e possibilidades de cada um ou de cada grupo.” (VELHO *et al.*, 2008, p. 33). Côrtes (2000), valendo-se de obras pictóricas de renomados artistas (como Debret, por exemplo), descreve o trajar do tropeiro biriva (também *beriva* ou *biriba*) do sul do Brasil, incluindo o chapéu com barbicacho, o lenço passado ao redor do pescoço, a camisa e a bombacha, além do poncho, da boleadeira e da guaiaca, típicos da indumentária gaúcha.

Seriam os tropeiros, no imaginário dos imigrantes e seus descendentes, os “verdadeiros gaúchos”? Seriam eles portadores de características, de porte e de linguagem, que precisavam ser imitadas para que o imigrante tivesse sua integração ao meio acolhedor atestada? Esta parece ser uma das conclusões a que levou o estudo de Alessia de Biase (2009), segundo o qual um dos primeiros contatos dos imigrantes chegados ao porto em São Sebastião do Caí teria sido justamente com o tropeiro, encarregado de levar os recém-chegados picada acima até as “terras prometidas”. A associação do homem montado a cavalo, com indumentária particular, à terra acolhedora, para a pesquisadora, foi um dos motivos propulsores da adoção de certos hábitos e costumes na busca do estrangeiro por uma identificação com seu novo lar. A observação de registros fotográficos do início do século XX, como explica de Biase, nos mostra um “italiano querendo ser gaúcho”, na indumentária, nos hábitos alimentares (o consumo de carne, algo impensado antes da emigração, e, além disso, assada à moda dos tropeiros).

A identificação se faz quando se tem (ou se imagina ter) uma identidade a que recorrer. A despeito da diversidade regional e diacrônica, pode-se imaginar que o gaúcho, contato de nossos imigrantes, tenha permanecido em seu imaginário como costuma ser representado pela tradição e historiografia regional:

Embora brasileiro, ele seria muito distinto de outros tipos sociais do país, guardando, às vezes, mais proximidade com seu homônimo da Argentina e do Uruguai. Na construção social da identidade do gaúcho brasileiro, há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc. (OLIVEN, 2002, p. 167).

Além desses aspectos, é incontestável o reconhecimento de uma “forma de falar diferente”, hoje já amalgamada com diversos sotaques e variantes fonológicas, mas ainda assim percebida. O verbete “gaúcho”, na enciclopédia virtual Wikipedia, registra: “O modo de falar do Rio Grande do Sul, a exemplo do de outras partes do Brasil, possui expressões próprias diferenciadas da linguagem padrão, algumas próprias de outros países do Prata ou da cultura urbana do Estado, não necessariamente fazendo parte da cultura original dos camponeses originalmente denominados “gaúchos”. Porém, vale lembrar a forte influência do sotaque espanhol.” Deste modo, há que se supor fortemente que a língua com que nossos imigrantes italianos tiveram contato não foi o português falado na corte, mas aquele mosaico elaborado pelas andanças dos tropeiros/gaúchos em suas jornadas pelas rotas aqui traçadas. E talvez o aspecto da língua em que essa influência mais se evidencie seja justamente o léxico, pois, como dizem Oliveira e Izquierdo (2001, p. 9), “o léxico de uma língua conserva uma

estreita relação com a história cultural da comunidade.”

Que a língua é um objeto de cultura é fato contra o qual não se pode argumentar. Que o léxico é parte constitutiva e fundamental de uma língua também o é. Deste modo, a proposta que aqui fazemos pretende colaborar para uma compreensão da cultura regional – especificamente da região entre Caxias do Sul e os Campos de Cima da Serra – através do estudo do léxico empregado para referir a cultura desse local delimitado geográfica e historicamente.

Algumas questões se levantam: pode-se falar em *uma* identidade cultural? Ou não será possível distinguir, na mescla de etnias e influências, o que é legado do gaúcho-tropeiro? Ainda, as marcas do “ser gaúcho” podem ser evidenciadas na linguagem empregada no discurso escrito, desprovido do “sotaque” que é considerado peculiar na linguagem oral, e, se sim, será o léxico o responsável por isso?

Pozenato parece responder à primeira pergunta ao enfatizar a necessidade de compreender a cultura como um processo dinâmico que não prescinde da observação da história: “E aí a questão da integridade cultural, da identidade própria, da genuinidade cultural continuam existindo, mas seguramente numa outra dimensão, numa dimensão em que não existe fixação no passado, mas em que a identidade é entendida também dentro de um processo histórico em transformação.” (POZENATO, 2003, p. 28). Logo adiante, o próprio autor coloca e responde a questão de onde se deve procurar por essa identidade: “Não seguramente no plano das manifestações externas, mas no significado que existe por trás das manifestações. Assim como na língua se pode expressar um determinado significado que permanece idêntico em suas linhas gerais, através de formulações diferentes de linguagem, também na cultura um significado, em princípio idêntico, pode encontrar significações das mais variadas.” (POZENATO, 2003, p. 28).

Se os traços que supomos existir na linguagem atual remetem à interinfluência do imigrante e do gaúcho-tropeiro, certamente se poderá falar em uma aceitação de valores veiculados e/ou associados a esse último por parte dos primeiros. Especialmente considerando que ambos, imigrante e tropeiro, e, em escala muito ampliada, seus descendentes, estão expostos a uma outra cultura circundante, à do outro Brasil, difundido e homogeneizado pelas comunicações de massa e centrado no eixo Rio-São Paulo, a “manutenção de uma identidade dentro das transformações”, como diz Pozenato (2003, p. 30) é uma escolha feita, não uma imposição.

Mas que cultura é essa que resulta dessa interinfluência? É a pergunta que buscaremos responder com os resultados deste projeto.

4. Justificativa e relevância científica do projeto

O vocabulário regional gaúcho tem sido recolhido desde o início do século XX e organizado em forma de obras lexicográficas. São exemplos o *Vocabulário Gaúcho* de Roque Callage (1928) e o *Vocabulário sul-rio-grandense* de Walter Spalding (1964). O vocabulário de origem italiana empregado na RCI ainda hoje está recolhido no *Dicionário de italianismos*, de Battisti *et al.* (2006). Estudos sobre o ser gaúcho também abundam, mas frequentemente tomando como *corpus* de análise obras literárias. Também se sabe de estudos de cunho sociolinguístico voltados para os *causos* (AZEVEDO, 1995). Este projeto distingue-se dos estudos já disponíveis por pretender focalizar o léxico que pode ser considerado específico ou, no mínimo, atinente ao falar gaúcho da região entre Caxias do Sul e os Campos de Cima da Serra, buscando na permanência de itens lexicais as marcas da aceitação da cultura recebedora e da identidade cultural continuamente construída.

O projeto LÉXICO TROPEIRO se justifica, inicialmente, pelo fato de o foco dos estudos sair da zona urbana dos municípios da RCI e da zona rural em que predominam os falantes remanescentes do dialeto de base vêneta e buscar uma região linguisticamente ainda não explorada. O foco aqui é o distrito de Criúva, localizado a cerca de 60 quilômetros do centro de Caxias do Sul, com uma área correspondente a cerca de um terço do território do município e uma população de cerca de dois mil habitantes. Com o conhecimento construído a partir deste projeto, pretende-se estender a pesquisa, em módulos posteriores, a outras localidades da região delimitada, como Vila Seca, Vila Oliva, Fazenda Souza, Santa Lúcia do Piaí, distritos de Caxias do Sul, bem como o bairro de Ana Rech. Adaptando as hipóteses para uma nova cultura com influência restrita (ou nula) da imigração italiana, abre-se também a possibilidade de levar outros módulos aos municípios dos Campos de Cima da Serra que se estabeleceram ao longo do caminho das tropas, como Vacaria, Bom Jesus, Jaquirana, deste modo abrindo campo de investigação para outros pesquisadores, sejam colegas docentes da UCS, mestrandos ou bolsistas de iniciação científica.

Justifica-se o projeto ainda pela proposta inovadora de levantamento e registro do léxico em textos veiculados pela mídia impressa atual, afastando-se, assim, da representação ficcional do gaúcho-tropeiro. Também inova ao procurar corroborar, em registros orais, o efetivo emprego do léxico verificado na escrita. Assim, tem-se um movimento distinto daquele que se verifica com frequência no fazer dicionarístico, que é o de buscar na escrita a abonação para itens lexicais previamente selecionados.

A organização e sistematização dos dados recolhidos e analisados permitirão, para além da análise linguística em si, traçar os significados da cultura expressa por esse léxico da região, talvez resgatando elementos que podem se perder em tempos de globalização. Além disso, os resultados podem oferecer à comunidade científica elementos que subsidiem outras investigações: os registros orais, por exemplo, podem servir também a pesquisadores interessados em elementos fonológicos ou prosódicos linguagem da região estudada; os dados podem subsidiar o pensar turístico relacionado ao distrito de Criúva, auxiliando na valorização e promoção da cultura local; podem ser registrados resultados passíveis de análise linguística em outros níveis, como o sintático ou o semântico. O projeto pode também dialogar com outros que tenham como temática a representação identitária do gaúcho a partir de diferentes textos, como é o caso do projeto da pesquisadora Verli Petri, da UFSM, intitulado *A constituição da imagem de sujeito gaúcho na língua e pela história: um estudo de dicionários de regionalismo gaúcho produzidos no século XX (2007-2008)*.

Enfim, abrem-se a partir desta perspectiva as portas para diversos estudos que podem ser desenvolvidos no âmbito do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

5. Objetivos e metodologia do projeto

Os objetivos específicos do projeto LÉXICO TROPEIRO incluem: a) identificar a presença de traços da regionalidade no léxico empregado em textos veiculados na mídia impressa e eletrônica (jornais, revistas turísticas, sites) sobre Criúva, em *corpus* a ser delimitado e classificado tipologicamente; b) verificar a presença desses mesmos traços no léxico empregado na linguagem oral por habitantes da localidade c) analisar as unidades lexicais levantadas em busca de traços morfológicos e/ou sintáticos (no caso das unidades complexas) que possam ser considerados peculiares ao léxico da região estudada; d) estabelecer relações entre o léxico regional e a história e aspectos culturais do distrito.

O *corpus* de análise será constituído por textos veiculados na mídia impressa e eletrônica (jornais, revistas turísticas, brochuras, sites) sobre o distrito, com levantamento de

unidades lexicais, que serão submetidas a procedimentos de estatística léxica para verificar sua frequência e colocações, bem como análise morfossintática e pragmática. Entrevistas orais semi-estruturadas permitirão atestar o efetivo emprego das unidades lexicais. Pretende-se verificar em que medida se pode falar em uma identidade cultural regional como evidenciada através do léxico.

Inicialmente é necessário aprofundar o referencial teórico sobre o fenômeno do tropeirismo e sobre a formação histórica dos distritos de Caxias do Sul, especificamente Criúva.

Deve ser delimitado o *corpus* da pesquisa, com seleção do(s) periódico(s) e definição do período das edições, bem como material de divulgação turística (impressa/eletrônica), como fôlderes, brochuras, etc.

O material impresso deve ser digitalizado, para que se possa aplicar aos textos ferramentas de estatística léxica (como, por exemplo, o WordSmith Tools), visando a identificar a frequência e a colocação dos vocábulos.

As unidades lexicais candidatas a análise devem ser verificadas em pelo menos dois dicionários de vocabulário regional gaúcho (como os já citados Callage, 1928, e Spalding, 1964), buscando atestar sua pertinência ao léxico em estudo, bem como em dicionários gerais de língua portuguesa (como Aurélio, Caldas Aulete, Houaiss), buscando na composição do verbete a indicação de se tratar de regionalismo do Rio Grande do Sul.

As unidades lexicais cuja pertinência for atestada pelas obras lexicográficas consultadas serão catalogadas e indexadas em fichas lexicográficas, a serem criadas para esse fim específico, e posteriormente analisadas para determinar:

- a) definição e conceitos abrangidos, incluindo dados etimológicos;
- b) aspectos morfossintáticos relevantes, inclusive de colocação;
- c) aspectos pragmáticos relevantes, como utentes e contexto de uso.

Devem ser ainda realizadas entrevistas com moradores da localidade, que possam eliciar o vocabulário em estudo, verificando suas condições de uso. As entrevistas semi-estruturadas devem ser gravadas (em áudio) e transcritas, submetidas a estatística léxica, para posterior confronto dos resultados com os obtidos a partir dos textos escritos. Dados dos itens lexicais já catalogados podem ser ampliados, bem podem ser acrescidos novos itens.

A partir dos dados assim sistematizados, pode-se proceder à análise que evidencie (se confirmadas nossas hipóteses) sua relação com os aspectos culturais e históricos da comunidade estudada, bem como sua contribuição para o estabelecimento de uma identidade regional.

Os dados sistematizados também poderão servir de base para a elaboração de obra lexicográfica, em módulos posteriores.

Vale enfatizar que, a qualquer momento no percurso da investigação, contatos com órgãos oficiais de turismo e entidades regionais poderão ser estabelecidos, a fim de obter apoio na coleta de dados e recursos para o próprio projeto.

Referências

- ALVES, Ari João. Distrito de Criúva. In: CAXIAS DO SUL, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Setor de Projetos. *Capelas e escolas unidocentes: a história contada pela comunidade*. Caxias do Sul: SMEC, 1988.
- AZEVEDO, Tânia Maris de. Perspectiva sociolingüística do tropeirismo: uma nova linha de pesquisa. In: SANTOS, Lucila M. S.; VIANNA, Maria Leda C.; BARROSO, Vera Lucia M. (org.). *Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil Meridional*. Porto Alegre: EST, 1995. p. 170-174.
- BARROSO, Vera Lucia Maciel. O tropeirismo na formação do Sul. In: BOEIRA, Nelson (org). *História geral do Rio Grande do Sul: Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006.
- CÔRTEZ, João Carlos Paixão. *Tropeirismo biriva: gente, caminhos, danças e canções*. Prefeitura Municipal de Vacaria, RS: 2000.
- CRÍÚVA. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Criúva>. Acesso em 29 out 2009.
- DE BIASE, Alessia. *Vêneto-gaúchos ou ensaios sobre a identidade e as tradições do mundo contemporâneo*. Workshop oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, 5, 6 e 7 de outubro de 2009.
- FORTES, João Borges. *Rio Grande de São Pedro: povoamento e conquista*. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001.
- GAÚCHO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gaúcho>. Acesso em 28 Out 2009.
- GIRON, Loraine Slop; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. *Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e comércio regional*. Caxias do Sul: Educus, 2001.
- MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul – 1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.
- MENDES, Paulo. Tropeiros abriram caminhos do sul. In: *Correio do Povo*. Disponível em: <http://www.cpovo.net/jornal/a109/n187/html/16TROPEI.htm>. Acesso em 28 Out 2009.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; IZQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. I. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998.
- OLIVEN, Ruben George. O processo de construção da identidade gaúcha. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza S.; FÉLIX, Loiva O. (orgs). *RS: 200 anos: definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educus, 2003.
- RUSCHEL, Ruy Ruben. *Bom Jesus e o tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2000.
- VELHO, Adenair P.; ALMEIDA, Júlio H. K.; SANTOS, Lucila M. S.; FAVERO, Marleci de F. (org). *Tropeirismo: ensino fundamental*. Porto Alegre: CORAG, 2008.